



CARNAVAL

Festa da tolerância tem limite: “Não é não!”

Grandes blocos, como o Cordão da Bola Preta, no Rio; e o Agrada Gregos, em São Paulo, amplificam o melhor do carnaval de rua com mensagens de paz e de respeito à pluralidade e ao direito à diversão sem assédio

» VINICIUS DORIA
» ALESSANDRA MELLO

O mais antigo bloco carnavalesco do país completou 107 anos, ontem, com um desfile que, mais uma vez, fez transbordar o Centro do Rio de Janeiro de gente vestida de branco com bolinhas pretas estampadas. Reconhecido, no ano passado, como patrimônio histórico, cultural e imaterial do estado do Rio, o Cordão da Bola Preta arrebatou os foliões ao som de marchinhas famosas de antigos carnavais, como é da tradição do bloco.

Cariocas, turistas, famosos e anônimos — tudo junto e misturado — fizeram da Avenida Antônio Carlos um grande salão de baile, cujos primeiros clarins já se anunciavam nas primeiras horas da manhã. E, mais uma vez, o Bola Preta mostrou por que mora no coração dos carnavalescos da cidade. Sob Sol forte e temperatura que passou dos 30°, o bloco arrastou uma multidão. Neste ano, a agremiação decidiu reforçar a mensagem de respeito às mulheres.

“Não é só no carnaval, é na vida. O respeito que se aprende não pode ser desaprendido. Carnaval é um momento de liberdade, sim, a gente tem que quebrar um pouco os preconceitos, mas a gente não pode perder o respeito, principalmente com a mulher. Não é não!”, disse Paolla Oliveira, a rainha do Cordão da Bola Preta.

A atriz foi uma das muitas personalidades a participar do desfile e uma das mais tietadas pelos fãs. O estandarte do bloco foi empunhado pela também atriz Leandra Leal. E tinha Neguinho da Beija Flor (padrinho), Maria Rita (madrinha), Emanuelle Araújo (musa da banda), João Roberto Kelly (embaixador), Tia Surica da Portela (embaixadora) e Selminha Sorriso (musa das musas). Depois de mais de quatro horas de animação e clima de matinê, por causa do horário, o carioca se despediu do Bola e tomou o rumo de outros blocos. Afinal, o carnaval estava só começando.

Gretchen e Groove

Na capital paulista, o destaque da pluralidade foi o Agrada Gregos, no circuito do Parque do Ibirapuera. Milhares de pessoas acompanharam o bloco, que contou com o reforço da artista Gloria Groove, uma das mais conhecidas drag queens do Brasil, e da cantora Gretchen, ícone do brega dançante dos anos 1980, conhecida como rainha do Rebolado. Groove levou para o parque clássicos da carreira, como *Bumbum de Ouro*, *Coisa Boa* e *Yo Yo*, músicas se tornaram hinos da comunidade LGBTQIA+.

A própria agremiação se autodefine como o maior bloco LGBTQIA+ do Brasil, e



Não é só no carnaval, é na vida. O respeito que se aprende não pode ser desaprendido. Carnaval é um momento de liberdade, sim, a gente tem que quebrar um pouco os preconceitos, mas a gente não pode perder o respeito, principalmente com a mulher. Não é não!”,

Paolla Oliveira, atriz

transforma seus desfiles em uma espécie de Parada Gay no carnaval, com muitas mensagens de cunho político por igualdade de direitos e respeito à diversidade de gênero. No alto do trio elétrico, Gretchen ainda levantou outra bandeira antidiscriminatória, contra o preconceito por causa da idade — etarismo.

Aos 66 anos, a artista criticou quem discrimina as pessoas mais velhas. “Idade está só na identidade, gente. Eu posso provar isso, e ele também”, disse ela, apontando para um de seus bailarinos, que foi chamado de “velho” para dançar em cima do trio.

Brilha, BH!

O desfile do Bloco Então, Brilha!, que abriu o carnaval de Belo Horizonte, na manhã de ontem, também foi marcado pela defesa do fim da violência contra as mulheres. Ao longo do percurso, na Avenida dos Andradas, a vocalista da banda, a cantora Michelle Andreazzi, e outros integrantes do bloco discursaram pregando o combate ao machismo e lembrando estatísticas e casos recentes de feminicídio em Minas Gerais e no Brasil.

Aos homens, a cantora clamou: “A gente, mulher, não quer que vocês morram, a gente quer que vocês continuem vivos, só que a gente quer que vocês aprendam a ter civilidade e respeito. A gente não quer morrer esfaqueada porque não quis namorar com vocês. A gente não quer tomar 61 socos na cara porque vocês ficaram com ciúmes. Então, por favor, reflitam. Vamos aproveitar esse momento de alegria para contar uma nova história, por um mundo de brilho, amor e respeito.” (Com Agência Brasil)

Fotos: Tomaz Silva/Agência Brasil

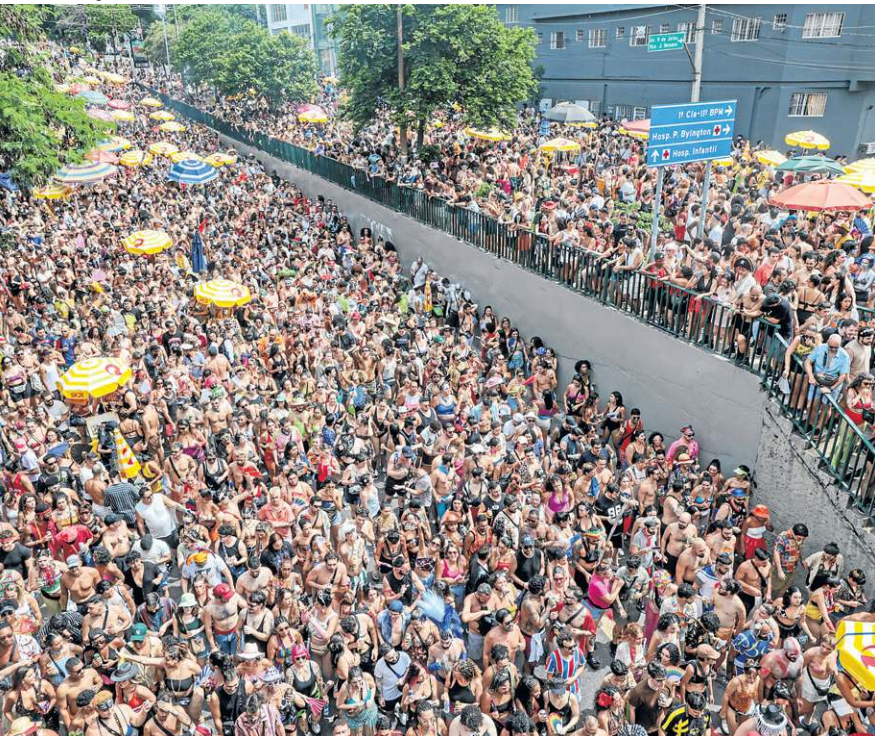


Rainha do Cordão da Bola Preta, Paolla Oliveira levantou a bandeira do respeito às mulheres no carnaval...



...e os foliões vestiram a camisa da campanha contra o assédio e qualquer tipo de preconceito

Paulo Pinto/Agência Brasil



Bloco Treme Mon Amour, no Bairro da Bela Vista: roteiro alternativo agradou aos paulistanos, que curtiram uma festa de paz e respeito

Roteiro alternativo leva o povo ao Bixiga

O desfile de blocos no circuito do Bixiga, na capital paulista, juntou alguns milhares de foliões animados em meia dúzia de blocos na tarde deste sábado (12). Mais modesto entre os circuitos do centro paulistano e um dos mais tradicionais, guarda em suas vielas e escadões entre a Praça Dom Orione e a Rua Santo Antônio boa parte da memória do samba paulista.

“Escolhi por essa mistura, porque é um bloco bom, tranquilo e superagitado”, contou Cristiane Curaça, estudante e criadora de conteúdo digital de São Carlos (SP), que passa o primeiro carnaval acompanhando o circuito e terceiro curtindo a festa na capital.

A região é lar de parte da comunidade negra da cidade, berço do Vai-Vai, uma das escolas com maior tradição na elite da liga paulistana, e espaço de resistência à gentrificação do centro antigo,

com casarões e predinhos que resistem aos grandes empreendimentos. Não à toa, teve uma tarde de festa acolhedora e animada. Ainda na Rua Santo Antônio as amigas Ana Clara Bastos, atriz, e Alana Melo, estudante universitária, da cidade de Americana (SP), dançavam fantasiadas de diabas.

“Tá um inferninho bom, bem acolhedor aqui. Pouco hétero, os que tem estão respeitando, sem assédio e aceitando o não”, contou Ana Clara, frequentadora habitual da folia na cidade.

Em geral considerou a organização boa, mas teve uma experiência ruim no bloco de Calvin Harris, na semana passada. “Aquele estava um inferno ruim, a polícia dava mais medo que segurança pra gente, bem diferente de hoje”, completou Alana. As amigas ainda irão a blocos na segunda, por decidir qual, e ao Agora Vai, também neste circuito, na terça-feira.

Além dos carros de som, com destaque para a banda ao vivo no JeTreme Mon Amour, a multidão aproveitou o

tempo firme e ameno, muitos parando nas cantinas, bares e adegas da Treze de Maio, endereço tradicional da boemia

do centro da capital paulista.

Pela primeira vez no carnaval da cidade, o turista Kim Maruyama se surpreendeu com a facilidade para encontrar os blocos e aproveitar os momentos da festa. O técnico de geração veio de São José do Rio Preto e achou o carnaval maravilhoso. “É muito diferente do que esperávamos, pelo que vinha falando a mídia. Tranquilo, animado e gostoso, vou aproveitar mais dias”.

Sem surpresas, a festa acolheu jovens e não tão jovens assim e trouxe ritmos brasileiros como funk, MPB, músicas de Tim Maia e Lulu Santos com uma pegada mais eletrônica e, até mesmo, o rap dos Racionais MCs. Os blocos em geral deixaram pouco lixo em seu caminho, graças também à presença constante de trabalhadores de reciclagem.